

DOI: 10.20911/21799024v14n1p35/2023

Da linguagem e do mundo para o silêncio e a mística: elementos do pensamento de Wittgenstein para uma melhor compreensão de Deus e da religião

Alejandro José Castejón Gonzalez ¹

Resumo: este artigo visa apresentar alguns aspectos essenciais do pensamento de Wittgenstein sobre a religião, Deus e a ética, considerando, principalmente, a obra do *Tractatus Logico-Philosophicus* e o período em que esta obra foi desenvolvida pelo filósofo. Para realizar tal tarefa serão apresentados, inicialmente, os principais elementos filosóficos do *Tractatus*, a relação existente entre mundo, linguagem e pensamento. Esta relação mostra limites da linguagem e estabelece a necessidade de fazer uma limitação na atividade filosófica. Em continuidade, será apresentada a ideia wittgensteiniana de *místico*, como uma realidade inexprimível e diante da qual o silêncio torna-se fundamental. Ideia que apresenta e *mostra* o outro lado do limite da linguagem onde se encontram os fundamentos da ética, da estética e da religião. Finalmente, será desenvolvida uma reflexão sobre a concepção de Deus e da religião no filósofo, a qual surge, coerentemente, das implicações de sua teoria do *Tractatus*.

Palavras chaves: Linguagem; Mundo; Mística; Ética; Religião.

Abstract: This article aims to present some essential aspects of Wittgenstein's thinking on religion, God, and ethics, considering primarily the work of the *Tractatus Logico-Philosophicus* and the period in which this work was developed by

1 Graduando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Faje, Belo Horizonte - MG. Artigo resultante dos estudos de Filosofia da Religião, projeto coordenado pelo professor Luiz Carlos Sureki.

the philosopher. To accomplish this task, we will initially present the main philosophical elements of the *Tractatus*, the relationship between the world, language, and thought. This relationship demonstrates the limits of language and establishes the necessity of imposing limitations on philosophical activity. Furthermore, we will introduce Wittgenstein's idea of the mystical as an inexpressible reality that necessitates silence. This idea reveals the other side of the language's limit, where the foundations of ethics, aesthetics, and religion reside. Finally, we will delve into a reflection on Wittgenstein's conception of God and religion, which emerges coherently from the implications of his *Tractatus*' theory.

Keywords: Language; World; Mysticism; Ethics; Religion.

Introdução

Ludwig Wittgenstein (1889-1951), nascido em Viena é, sem dúvida, um dos filósofos mais importantes e influentes do século XX. É reconhecido por tentar, duas vezes, o recomeço absoluto da filosofia por meio de duas formas diferentes de abordar os problemas filosóficos, especificamente, no *Tractatus logico-Philosophicus*² e nas *Investigações lógicas* (JUNIOR, 2017, p.11). Três aspectos precisam ser considerados para estudar e aprofundar de maneira adequada o pensamento do filósofo: uma personalidade complexa fruto de uma história de vida cheia acontecimentos complexos, uma trajetória filosófica acompanhada de grandes mestres como Frege e Russell e um profundo respeito e admiração pela religião, especificamente, pelo cristianismo. Um testemunho de Russell mostra estes três aspectos de maneira clara. Wittgenstein costumava visitar seu mestre Russell durante as noites, enquanto o jovem filósofo caminhava de um lado para outro, numa espécie de silêncio agitado, Russell perguntou de maneira irônica se, por acaso pensava em lógica ou em seus pecados; Wittgenstein então responderia de maneira enfática: 'em ambos' (BALDINI, 1998, p. 297).

Diante da complexa personalidade do filósofo vienense, refletida no seu pensamento e nas suas obras, este artigo tem por finalidade apontar para alguns elementos chaves do pensamento wittgensteiniano, principalmente no *Tractatus*, que podem servir de influência para gerar uma compreensão diferente e nova da religião, da ética e Deus. Esta tarefa será realizada, inicialmente, apresentando os principais elementos filosóficos do *Tractatus*, considerando assim a relação existente entre mundo, linguagem e pensamento, relação que estabelece a necessidade de fazer uma limitação na atividade filosófica. Em continuidade, será apresentada o que Wittgenstein entende por *místico*, como aquela realidade inexprimível que simplesmente *se mostra* e diante da qual o silêncio torna-se fundamental. Dentro do inexprimível, isto é, do outro lado do limite da linguagem, se encontram a ética, a estética e a religião. Finalmente, será desenvolvida uma reflexão sobre a concepção do filósofo sobre Deus e a religião.

2 O *Tractatus logico-Philosophicus* será citado numerosas vezes no artigo por meio da abreviação *TLP*.

1. Mundo, pensamento, linguagem e lógica

Existo o risco de querer compreender a dimensão religiosa de Wittgenstein presente, principalmente, na obra do *Tractatus*, sem desenvolver algumas noções básicas da filosofia da linguagem desta obra. O *Tractatus* é uma obra que, parte da concepção da fatualidade do mundo, da relação existente entre pensamento, linguagem e mundo, da análise da lógica proposicional e finaliza na afirmação da necessidade do silêncio sobre alguns temas, fruto da limitação da própria linguagem. É preciso, então, esclarecer alguns aspectos fundamentais da concepção filosófica do *Tractatus*, para assim analisar a dimensão religiosa, ética e mística desenvolvida pelo filósofo austríaco, principalmente na etapa da formação desta obra.

O *Tractatus Logico-Philosophicus*, seria, na realidade, a única obra publicada pelo autor em vida (RODRIGUEZ, 2010, p.151), pois as *Investigações Filosóficas* foram publicadas no ano 1951, após a sua morte. O *Tractatus* manifesta uma combinação de precisão e ambiguidade, profundidade e complexidade. Seu estilo e forma de apresentação fogem do padrão usualmente utilizado nos tratados e obras filosóficas. O *Tractatus* está composto de aforismos que compõem inicialmente afirmações que assumem uma estrutura silogística e lógica. A obra está composta por sete axiomas fundamentais dos quais derivam seus respectivos teoremas. O filósofo finaliza o *Tractatus* no sétimo aforismo, apresentando-o como um axioma único e último, fazendo referência ao silêncio e, de maneira coerente, ausente de qualquer explicação ou teorema.

As teses fundamentais do *Tractatus* afirmam que: o mundo é tudo o que ocorre; o que ocorre, os fatos, implicam a existência de fatos atômicos; o pensamento é a representação lógica dos fatos; o pensamento é a proposição exata; a proposição é uma função de verdade e, finalmente, sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar (REALE, ANTISERI, 2006, p.309). Reale e Antiseri sintetizam a ideia central que sustenta a filosofia do *Tractatus* da seguinte forma:

A tese central do *Tractatus* é que o pensamento ou proposição representa projetivamente o mundo. A cada elemento da realidade corresponde um elemento da linguagem. A realidade consta de fatos que se resolvem em fatos atômicos, por sua vez compostos de objetos simples [...] Nós, portanto, fazemo-nos representações do mundo; e as representações que tem sentido são unicamente as proposições da ciência natural, 'e a filosofia não é uma ciência natural', 'a filosofia não é doutrina, mas atividade' que esclarece nossa linguagem (2006, p.307).

Wittgenstein estabelece no *Tractatus*, como ponto de partida, uma relação íntima entre mundo, pensamento e linguagem. A linguagem é uma representação projetiva da realidade e o pensamento ou a proposição representa esta realidade (REALE, ANTISERI, 2006, p.309). Para Wittgenstein "o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas" (TLP, 1.1), o mundo é tudo o que ocorre (TLP, 1) e a totalidade dos fatos determina o que ocorre e o que não ocorre (TLP, 1.12). No *Tractatus* existe uma identidade absoluta entre o mundo e os fatos, pois nada que se encontre fora do fatural pode ser considerado como parte do

mundo. Consecutivamente, o pensamento aparece como a figuração lógica dos fatos (TLP, 3). O filósofo austríaco afirma que só pode ser figurado aquele estado de coisas que são pensáveis (TLP, 3.001) e que “a totalidade dos pensamentos verdadeiros são uma figuração do mundo” (TLP, 3.01). A linguagem, por outro lado, seria “a totalidade das proposições” (TLP, 4.0001).

Wittgenstein assume, como centro de sua pesquisa, “explicar a natureza da proposição” (RODRIGUES, 2010, p.153). Como ponto de partida, “a realidade deve, por meio da proposição, ficar restrita a um sim ou não” (TLP, 4.023) e para isso a proposição deve ser concebida, essencialmente, como a descrição de um estado de coisas (TLP, 4.023). Desta forma, entender uma proposição significa saber o que é o caso ou o que *ocorre* (definição relacionada com o mundo no início do *Tractatus* se ela for verdadeira (TLP, 4.024). O valor de verdade e falsidade que deve existir na linguagem proposicional assume um lugar importante na filosofia de Wittgenstein. A linguagem deve buscar sua maior precisão e objetividade no momento de figurar o mundo. Ao mesmo tempo que Wittgenstein estabelece a capacidade e a necessidade de a linguagem figurar a totalidade do mundo, anuncia os limites da linguagem sobre alguns temas. Especificamente quando afirma que os limites da linguagem são os limites do mundo (TLP, 6.5).

Os limites da linguagem, anunciados pelo filósofo austríaco, implicariam a necessidade de uma crítica à atividade filosófica. A filosofia será delimitada por Wittgenstein como, essencialmente, uma atividade, cuja função principal é a elucidação e o esclarecimento de proposições, isto é, esclarecimento do pensamento lógico (TLP, 4.112). Para este filósofo, “a proposição representa a existência e a inexistência dos estados das coisas” (TLP, 4.1), sendo a totalidade das proposições verdadeiras parte das ciências naturais. Para Wittgenstein é preciso não confundir a atividade filosófica com as ciências naturais, pois, certamente, a filosofia não é uma das ciências naturais (TLP, 4.111). A partir desta delimitação da atividade filosófica e da linguagem, o filósofo vienense aponta para a principal problemática da filosofia durante toda a história: a maioria das formulações e questões sobre temas filosóficos não seriam explicitamente falsas, mas contrasensos ou absurdos, esta realidade é fruto da má compreensão da lógica da linguagem (TLP, 4.003), isto é, fruto da falta da verdadeira atividade filosófica, que não é outra coisa que a atividade crítica da linguagem (TLP, 4.0031). Dentre as proposições e questões sobre temas filosóficos que surgem da má compreensão da lógica da linguagem, fugindo, assim, dos limites da linguagem se encontram as proposições da metafísica, da ética, da estética e da religião.

Na análise feita até agora da filosofia lógica da linguagem do *Tractatus* é possível pensar que não há nenhum aspecto especial para desenvolver um estudo sobre temas como Deus, o Transcendente, o divino ou a religião. A filosofia de Wittgenstein pode causar a impressão de ser um sistema de pensamento totalmente contrário a estes temas, pois o filósofo realiza uma crítica à filosofia que gira em torno de afirmações metafísicas, éticas e estéticas as quais, certamente, foram tradicionalmente fundamentais para a formação do pensamento teológico-religioso.

2. Além dos limites do silêncio e da linguagem

O *Tractatus* foi uma obra de grande influência para a filosofia do século XX. A influência mais consistente desta obra foi exercida sobre a corrente neopositivista. Tal como afirma Reale e Antiseri, o *Tractatus* seria visto por muitos estudiosos como a bíblia do neopositivismo (REALE, ANTISERI, 2006, p. 311). O positivismo lógico, ou melhor conhecido como o *Círculo de Viena*, iniciado por Moritz Schlick, fundaria suas bases nas principais teses do “primeiro Wittgenstein”. Basicamente, o *Círculo de Viena* se caracteriza por rejeitar o pensamento metafísico, teológico e ético pelo motivo de estes não poderem ser provados empiricamente (BORROMEU, 2021, p. 221). Neste sentido, eles assumem do *Tractatus* sua antimetáfísica, mas, problemáticamente, acabam rejeitando sua parte mística (REALE, ANTISERI, 2006, p. 311). Wittgenstein estava longe de ser um neopositivista, e a interpretação neopositivista do *Tractatus* manifesta uma clara limitação hermenêutica da obra. Paul Engelmann afirma:

Toda uma geração de alunos pôde considerar Wittgenstein um positivista, já que tinha algo de enorme importância em comum com os neopositivistas: traçara uma linha de separação entre aquilo de que se pode falar e aquilo de que se deve calar, coisa que eles haviam feito. A diferença é apenas que eles nada tinham de se calar. O positivismo sustenta- e esta é a sua essência- que aquilo de que podemos falar é tudo o que conta na vida. Wittgenstein, porém, crê apaixonadamente que tudo o que conta na vida humana é justamente aquilo de que, segundo o seu modo de ver, devemos calar (BALDINI, 1998, p.289).

As interpretações neopositivistas do *Tractatus* não compreenderam “o sentido ético” (BALDINI, 1998, p. 289) que o mesmo Wittgenstein atribui a sua obra. Para o filósofo, a obra estaria composta de duas partes: aquilo que escreveu e aquilo que não escreveu e, justamente, tal como escreve o mesmo Wittgenstein numa carta a Ludwig von Ficker, a segunda parte seria a mais importante (BALDINI, 1998, p. 288). Justamente, os limites do mundo e da linguagem anunciam uma outra realidade, anunciam o que há do outro lado do limite. Para Wittgenstein “existe com certeza o indizível” (TLP, 6.522) e justamente por ser indizível, a linguagem não teria muito para fazer. O indizível, para Wittgenstein, se *mostra* (TLP, 6.522).

O objetivo principal do filósofo austríaco consiste em realizar uma separação e uma distinção entre o que se pode falar e o que se deve calar (TLP, 7), isto é, traçar limites entre aquilo que é passível de ser objeto do conhecimento discursivo e aquilo que unicamente pode ser mostrado (BORROMEU, 2021, p.125). A filosofia assume, como método essencial, “nada dizer, senão o que se pode dizer” (TLP, 6.53). O místico aparece, então, como aquilo que se mostra e aquilo diante do qual a linguagem discursiva deve ficar em silêncio.

Mas que é o místico? Qual é a importância daquilo que é afirmado como inexprimível? Qual a relação e a implicância do místico e do inexprimível no mundo fatural? O místico, como já se afirmou, é inefável, somente se mostra e, portanto, não é como o mundo é (TLP, 6.45). O místico surge a partir do “sen-

timento do mundo como um todo limitado” (TLP, 6.45), dito de outra forma, a experiência da contingência revela a presença de uma dimensão não contingente ou necessária. O homem e o mundo são, claramente, contingentes e não se bastam a si mesmos. É por isso que afirma o filósofo: “O sentido do mundo, deve estar fora dele; no mundo tudo é como é e acontece como acontece: nele não há valor e se houvesse o valor não teria valor” (TLP, 6.41). A importância do inexprimível aparece quando ele considera a hipótese de a ciência ter respondido todas as suas questões possíveis. Diante desta hipótese, Wittgenstein afirma que “os nossos problemas vitais não teriam sido tocados (TLP, 6.52) nem sequer arranhados (REALE ANTISERI, 2006, p.311)

Com respeito à relação possível do mundo fatural com o místico e o inexprimível, surgem algumas questões que podem gerar certas incompreensões. A linha divisória que Wittgenstein se esforçou por traçar pode gerar a confusão interpretativa de pensar que aquilo que está além da linguagem seria uma realidade alheia à contingência do mundo, incluindo o ser humano. O desenvolvimento da problemática pode ser esclarecido com o tema de Deus. Wittgenstein afirma no *Tractatus*: “como é o mundo é perfeitamente indiferente para o que está além. Deus não se manifesta no mundo” (TLP, 6.432). Na primeira impressão, pode surgir a ideia de que Wittgenstein se opõe a qualquer ideia de um Deus que se revela ou um Deus com o qual se estabelece alguma relação; tal afirmação pode ser pensada como uma possível crítica à dimensão religiosa. Uma passagem de seu *Diário Filosófico*, no ano 1916, pode esclarecer melhor sua afirmação:

Que sei eu sobre Deus e a finalidade da vida?

Sei que este mundo existe.

Que estou situado nele como meu olho em seu campo visual.

Que há nele algo de problemático que chamamos seu sentido.

Que este sentido não se radica nele, mas fora dele.

Que a vida é o mundo.

Que a minha vontade penetra o mundo.

Que bem e mal dependem, portanto, de algum modo do sentido da vida.

Que podemos chamar Deus ao sentido da vida, isto é, ao sentido do mundo e conectar com isto a comparação de Deus com um pai (BORROMEU, 2021, p. 126).

Certamente, se Deus é concebido como o sentido da vida e do mundo, Ele deve estar fora dele, pois assim ele afirmou num outro aforismo (TLP, 6.41). Deus não é um fato no mundo, portanto é impossível figurá-lo pela linguagem, Deus não é contingente e não é um objeto entre os demais objetos ou um fenômeno entre os demais fenômenos. Não faz sentido falar da existência ou inexistência de Deus como se fala da existência de outras coisas no mundo, não

é possível apontar para alguma realidade e dizer: "Aquilo é Deus" (GUARNERI, 2022, p. 277-278).

3. O mostrar-se na religião e na ética

O inexprimível não se diz, isto se mostra, afirmou Wittgenstein. Questões sobre Deus e sobre ética formam parte desta realidade. A religião concebida pelo filósofo vienense assume certos aspectos totalmente coerentes com as afirmações realizadas no *Tractatus*. A ética é transcendental, ela não se deixa exprimir (TLP, 6.421). O valor do mundo deve estar fora do mundo e a ética trabalha com aquilo que possui valor, encontrando-se, assim, para além do mundo fatural (SPICA, 2010, p. 121). A ética e Deus, em Wittgenstein, assumem mais importância no aspecto prático e visível, que no aspecto linguístico e conceitual, pois estes, antes de ser passíveis da figuração da linguagem, *se mostram*.

A partir desta compreensão, torna-se mais evidente a forma e a orientação que a religião assume no pensamento de Wittgenstein. Religião, para o filósofo, é mais que um conjunto de orações e rituais, é uma maneira de viver e de encarar o mundo. A vida do sujeito que se adere à fé deve passar por uma transformação. A vida de um crente deve partir de uma mudança de atitude diante do mundo, pois a religião está intimamente ligada a uma prática (SPICA, 2010, p.123)

A ideia de Deus como sentido da vida e do mundo e a ideia da religião como em íntima relação com uma prática moral são ideias chaves do pensamento wittgensteiniano. Neste aspecto, fica evidente a relação de Deus com a ética e da ética com a religião. Estas ideias, certamente, ficam incompreensíveis para a abordagem racionalista da ciência, mas permanece como uma realidade essencial da vida humana (SPICA, 2010, p. 123). O mesmo Wittgenstein escreve para um amigo:

Mas recordemos que a religião cristã não consiste em dizer muitas orações, de fato nos ordena que façamos justamente o contrário. Se você e eu vivemos vidas religiosas, não se trata tão somente de que falemos muito acerca de religião, mas que, de alguma maneira, nossas vidas sejam diferentes (SPICA, 2010, p. 123)

Esta relação pode abrir uma porta para novas interpretações da função da religião: se o sentido do mundo e da vida é Deus, se a ética, como transcendental, confere valor ao mundo e se a religião está ligada a uma prática ética, a religião deve então, *mostrar*, não com palavras, mas por meio de obras, a imagem de Deus, e só mostrará uma imagem de Deus correta por meio de corretas obras, não, unicamente, por meio de corretas doutrinas. A religião é capaz de dar sentido à vida, mas somente será capaz de fazê-lo quando cumpra sua função e seja uma religião aprendida e vivida no amor (SPICA, 2010, p.124). Esta ideia faz referência a uma clara influência do cristianismo tolstoiano que, em certo momento, cativou Wittgenstein.

A compreensão relacional de ética, Deus e religião introduzem a um campo minado de controvérsias (SPICA, 2010, p.119). Esta relação pode ser concebida a partir de duas interpretações: por um lado, há quem pensa que se a religião desaparecesse levaria consigo qualquer moralidade e ética. Tal como afirmou Doltoievski: " Se Deus não existir, tudo é permitido" (SPICA, 2010, p. 119). O mesmo Sartre, filósofo ateu, parece concordar, de certa forma, com este pensamento, atribuindo ao homem e a sua liberdade a total responsabilidade pela moralidade de seus atos, ele afirma que o ateu deve assumir todas as consequências de sua afirmação 'Deus não Existe' (SARTRE, 2014, p. 23). Sartre aprofunda esta problemática considerando o incômodo da inexistência de Deus, pois com o desaparecimento de Deus desaparece qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível, e não seria mais possível pensar na existência de bem algum *a priori* (SARTRE, 2014, p.24). Por outro lado, há quem afirma, sem nenhum problema, a possibilidade de pensar numa moralidade totalmente desvinculada da religião (SPICA, 2010, p.119). Wittgenstein assume sua postura fundamentado nas principais ideias do *Tractatus*. O filósofo chama superficial qualquer ideia de ética racionalista fundamentada proposicionalmente. Wittgenstein afirma "é bom o que Deus manda, e o bem não está sujeito à fatualidade e à contingência do mundo (SPICA, 2010, p. 120-121). Diante desta afirmação, Marciano Spica levanta algumas questões:

Se aceitamos essa saída começamos a perceber que a filosofia nada pode dizer sobre a Ética, pois nada do que disser alcançará a profundidade dela. Mas esta não seria uma saída perigosa? Não estaria Wittgenstein deixando tudo na mão da religião? E se Deus achasse bom, por exemplo, ordenar crueldade, teríamos que o seguir simplesmente porque Ele acha bom? (2010, p. 122).

A compreensão de religião, como essencialmente ética, e o amor como o centro desta, torna mais compreensível a postura wittgensteiniana. O "segundo Wittgenstein" com o conceito de jogo de linguagem e a aprendizagem como aspecto essencial será uma outra saída para esta problemática. Com efeito, se a ideia de cristianismo assume como centro e base de toda sua crença o amor, a ideia de Deus mandar a maldade seria absurda, além disso, um sujeito que apreende a utilizar a palavra 'Deus', aprende que a referência de aquela ideia é a de um ser incapaz da maldade (SPICA, 2010, p.126). Certamente, algumas problemáticas podem surgir ainda, por exemplo, uma concepção do Deus cristão totalmente distorcidas, como Deus castigador, e Juiz severo (realidades ainda evidentemente presentes). Talvez as seguintes questões esclareçam um pouco melhor a problemática.

Como ficam os que não creem? Como o crente religioso poderia compartilhar de uma vida comunitária com os não crentes? Teriam eles sistemas éticos totalmente diferentes e irreconciliáveis e que por isso mesmo teriam que manter o duelo teórico sobre a natureza do bom? (SPICA, 2010, p. 127).

A partir destas questões, é preciso partir do pressuposto de que a pessoa religiosa faz parte de uma comunidade e os conceitos religiosos não estão isolados desta comunidade. Muitos conceitos éticos utilizados pela esfera religiosa são igualmente utilizados por pessoas que não professam uma crença religiosa e possuem conteúdos semelhantes, conceitos como bom, mau, certo, errado (SPICA, 2010, p.128). Finalmente, é preciso considerar que a compreensão de religião para Wittgenstein se separa do doutrinal. Para ele, a religião não é, essencialmente, um conjunto de verdades absolutas, mas uma guia para aquele que professa uma fé, a religião é essencialmente prática. Desta forma, o diálogo entre crentes e não crentes seria possível e necessário. Tal como afirma Spica “não é uma religião de verdades, mas de rumos, de indicações de como viver bem e feliz” (2010, p. 128). A maldade religiosa numa compreensão como esta não faria sentido, o fanatismo e a crueldade seriam plenamente absurdos (SPICA, 2010, p.128).

Considerações finais

A teoria do *Tractatus* estabeleceu que os limites da linguagem são os limites mundo (6.5), que este mundo não é outra coisa que a totalidade dos fatos (1.1) e que o pensamento, enquanto figuração lógica dos fatos (3) pode, na sua totalidade, figurar o mundo (3.001). Esta teoria estabeleceu uma limitação da linguagem, principalmente, na atividade filosófica e, ao mesmo tempo, realizou uma distinção e uma separação entre aqueles aspectos que podem ser figurados pela linguagem e aqueles aspectos que são essencialmente inexprimíveis e diante dos quais é necessário o silêncio. Estes últimos, dentre os quais se encontram o místico, a ética, a estética e a religião, somente se *mostram*, mas, por outro lado, formam parte do âmbito mais essencial e importante da vida humana. A partir desta realidade surge a ideia de uma religião essencialmente ética, de uma ética menos doutrinal e mais fundamentada na prática do bem e do amor e finalmente, de um Deus que se revela e que é capaz de ser pregado e transmitido por meio dos atos, antes que por teorias.

O silêncio diante do inexprimível e místico, pode aparecer, diante de outros sistemas de pensamento e diante de outras problemáticas, extremadamente radical. Certamente, pedir à filosofia tomar uma nova orientação na sua atividade filosófica, silenciar-se diante de problemas éticos e estéticos, ignorar qualquer discussão sobre temas metafísicos, desconsiderar qualquer problematização da razão sobre o fenômeno religioso, pode parecer para muitos uma petição incômoda, muitas vezes problemática e até absurda. Esta realidade ainda apresenta grandes discussões no campo filosófico. Muitas divergências podem surgir diante da concepção wittgensteiniana de mística, muitas divergências, igualmente, podem surgir diante da atitude de silêncio que propõe o filósofo sobre aquilo que é inexprimível. Certamente, outras orientações de pensamento apresentarão outras alternativas para comunicar aquilo que é inexprimível, alternativas como o símbolo, a analogia, o negativo, a metáfora, a parábola, entre outras. Certamente, o inexprimível, por ser inexprimível foge da linguagem, mas o ser

humano manifesta uma necessidade de comunicar e compartilhar a experiência do inefável e misterioso. Diante das inúmeras divergências, um aspecto chave permanece como constante: a percepção da limitação da linguagem diante de certas experiências humanas que aparecem como transcendentais.

Por outro lado, como foi exposto a partir das anteriores reflexões, é possível extrair desta teoria elementos importantes para uma reconsideração do tema de Deus e da religião, livrando estas duas realidades de paradoxos que durante a história foram identificados com eles. Dentre estes: a incoerência entre prática e teoria na religião, o farisaísmo e a hipocrisia na prática da religiosidade, a manipulação do conceito de Deus pela política, pelas instituições religiosas e por qualquer figura que representa alguma autoridade de poder, a pretensão racionalista de dominar estes conceitos que ultrapassam o mundo fático, o ceticismo fruto do fracasso das diversas tentativas racionalistas, estes e muitos outros males tornam-se evidentes e podem ser evitados quando se parte de uma concepção religiosa marcada pela motivação da prática do bem e do amor.

Referências

BALDINI, Massimo. Ludwig Wittgenstein (1889-1951): O Silêncio, a Ética e a Religião. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (Org.). *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 287-296.

BORROMEU, Nicolau. *Conceito sobre o místico e Deus: a partir da filosofia da linguagem de Wittgenstein*. Diálogos, v. 6, p. 112-130, 2021.

GUARNERI, Lucas Vera. Interpretações acerca de Deus e da religião no Tractatus Logico-Philosophicus de Wittgenstein. *Revista Paranaense de Filosofia*, v. 2, n. 1, p. 267-284, 2022.

JUNIOR, Gerson Francisco de Arruda. *10 lições sobre Wittgenstein*. Petrópolis: Vozes, 2017.

REALE, G; ANTISERI, D. *História da filosofia, 6: de Nietzsche à escola de Frankfurt*. Trad: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.

RODRIGUES, Osvaldino Marra. Pensamento, proposição e mundo: notas de um rascunho sobre o Tratado Lógico-Filosófico. *Revista Opinião Filosófica*, v. 10, n.02, p.151-160, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um humanismo*. Trad: João Batista Kreurch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SPICA, Marciano Adilio. Observações sobre Deus e ética em Wittgenstein. *Ethica@-Florianópolis* v. 9, n.3, p. 119-131, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad: José Arthur Gnanotti. Série 1- Filosofia, v 10, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.